

História (Re)sentida



Copyright © 2022, Eduardo G. de Quadros, Luiz C. Bento & Rodrigo T. Godoi.

Copyright © 2022, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Prof. Dr. Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Prof.^ª. Dr.^ª. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (UVV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Catherine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmir Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Dr.^ª. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Dr.^ª. Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) • Prof.^ª. Dr.^ª. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Prof.^ª. Dr.^ª. Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Prof.^ª. Dr.^ª. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Prof.^ª. Dr.^ª. Lucia Bogus (PUC/SP) • Prof.^ª. Dr.^ª. Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Beatriz Nader (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Prof.^ª. Dr.^ª. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Prof.^ª. Dr.^ª. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Prof.^ª. Dr.^ª. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Prof.^ª. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdeci Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Prof.^ª. Dr.^ª. Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Prof.^ª. Dr.^ª. Zaira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) • Prof.^ª. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Prof.^ª. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del Pais Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Miti-diero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Prof.^ª. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Brito Pereira (UDF) • Prof.^ª. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

Eduardo Gusmão de Quadros
Luiz Carlos Bento
Rodrigo Tavares Godoi

História (Re)sentida

Compreensão ética e estética de arquétipos
autoritários brasileiros

*Ensaio de historiografia crítica em
contexto de crise de sentido*



Editora Milfontes
Vitória, 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Lucas Bispo Fiorezi

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G588h Quadros, Eduardo G. de; Bento, Luiz C.; Godoi, Rodrigo T.
História (Re)sentida: Compreensão ética e estética de arquétipos autoritários brasileiros/ Eduardo G. de Quadros, Luiz C. Bento, Rodrigo T. Godoi.
Vitória: Editora Milfontes, 2022.
224 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-5389-010-7

I. Teoria da História 2. Epistemologia 3. Autoritarismo I. Quadros, Eduardo Gusmão de II. Bento, Luiz Carlos III. Godoi, Rodrigo Tavares
II. Título.

CDD 901

Sumário

Prefácio7

Apresentação.....II

Parte I

O fazer história em tempos de crise de sentido

O pobre pensamento do poder: aproximações entre militância e história em Michel de Certeau 17

Mundos conectados.....18

O impossível do compreender..... 21

A grande recusa.....25

O desnudar do apocalipse.....30

A retirada do realismo35

O pensamento pobre39

A palavra sem poder45

Outro Brasil..... 48

Uma epistemologia do desaparecimento 52

O conhecimento e o poder: Herança autoritária vista através de interpretações do Brasil 55

Manoel Bomfim e Gilberto Freyre: o signo da violência à formação brasileira57

Sociabilidades sadomasoquistas, afetos autoritários, fascismo tropical/neofascismo.....67

A liberdade sob reflexões e devaneios ou o conhecimento como “sentido do real”83

Parte II

Experimentar histórias, narrar vivências: uma compreensão da experiência estética Rondoniense

O lugar da referência e a necessidade da memória coletiva nas ideias de história de Rondônia: os limites da contextualização..... 99

O promissor: forma geradora de uma imagem paradoxal 101

O “algo” da referência: objeto que se antecipa à representação.....110

Polifonia e imaginário como limitação do acesso: o narrativismo da referência.....	132
Experiência estética: a pragmática como desilusão da referência e a plasticidade da memória coletiva.....	153
Anúncio de crise: imagem geradora, pragmática da experiência estética rondoniense	155
O envio e a retirada (da retirada): podemos ainda falar de sentido?.....	169
Desvio metafórico: o posso-dizer como opinião pública	183
Experiência estética: disjunção sentido-dados ou mais aporia da memória?	191
Considerações Finais.....	205
Referências.....	211

Prefácio

Carlos Oiti Berbert Júnior

Dois fenômenos trágicos caracterizam o período em que vivemos: um, a pandemia que, com as centenas de milhares de mortos em nosso país, vem acompanhada da experiência de luto e trauma; outro, o ressurgimento do irracionalismo e do negacionismo, presentes, de forma latente, desde o alvorecer do século XXI. A latência exige algumas palavras. Em meu entendimento, sua presença evoca o fato de que tais espectros ainda não haviam encontrado tamanha vulgarização, profundidade e vigor no vasto e capilar tecido social. Anos atrás, dificilmente imaginaríamos ter de defender ideias como “a terra não é plana”; “a vacinação em massa é imprescindível, especialmente em situação pandêmica”; “delegar poderes a indivíduos que só pensam em seus próprios interesses pode resultar em catástrofe”. Algo se transformou e, quando a ruptura nos acossa, olhar para o passado exige mais do que curiosidade, pois passamos a nos mover pelo objetivo de compreender “como aqui chegamos”. Nesse sentido, a História, quando eticamente motivada, se torna um dos campos dos saberes fundamentais no que se refere à desconstrução desse estranho fenômeno conhecido como “pós-verdade”.

Os quatro ensaios desta coletânea que o leitor ora tem em mãos são primorosos, de variados pontos de vista, quais sejam: o da relação entre passado e presente que constitui o que disciplinarmente chamamos História, o da prática historiográfica ou, sobretudo,

o da Teoria da História, campo no qual me localizo e a partir do qual oriento este prefácio. Desse campo especificamente, observa-se uma reflexão ampliada sobre a interação entre Epistemologia, Ética e Estética; ou seja, a ampliação ocorre porque os textos não se resumem a explorar os “limites e possibilidades” do conhecimento histórico, mas atentam à relação entre os múltiplos elementos que os demarcam. O mesmo primor se revela no debate sobre o papel que as filosofias da história, de cunho escatológico, exercem na supressão e apagamento de seres humanos que perderam sua “voz” na memória coletiva. A análise de tais problemas esquadrinha os meandros do exercício do poder no Brasil, tornando visíveis os “arquétipos” que sustentam sua reprodução na atualidade.

No ensaio “O pobre pensamento do poder: aproximações entre militância e História em Michel de Certeau”, percebe-se a contemporaneidade do renomado historiador francês, a partir de uma leitura que apreende, como forma explicativa, a dinâmica *intra* e *inter* mundos, o do autor, o do texto e o do leitor. Essa forma de explicação possibilita a inserção, tão defendida por Certeau, de elementos éticos na composição historiográfica, superando o reducionismo da experiência estética, desmedidamente em voga em alguns âmbitos da Teoria da História. Tal perspectiva mostra-se fundamental à discussão sobre os usos e recursos da repressão na ditadura militar no Brasil. A isso acrescenta-se que, contra a mitologia de que a Teoria da História se “resume a abstrações” ou a “castelos construídos no ar”, o envolvimento e a experiência de Michel de Certeau com os direitos humanos possibilitaram-lhe a formulação de conceitos e categorias que subsidiam a compreensão de um dos períodos mais tristes da história de nossa nação. Por fim, ao ler o referido ensaio, torna-se impossível não o cotejar com o momento atual da pandemia, notando o contraste temporal, já que a distinção entre os dois eventos se destaca, exata e paradoxalmente, pelo elemento comum da morte, do luto, do silenciamento e, finalmente, do trauma.

A reflexão sobre a violência no Brasil é observada em “O conhecimento e o poder: herança autoritária vista através

de interpretações do Brasil”. Note-se que, como certamente apontado no referido ensaio, o discurso negacionista também exerce a violência, na medida em que ignora, propositadamente, os pressupostos éticos e epistemológicos que orientam o historiador. A partir de uma leitura atualizada de Manoel Bomfim e Gilberto Freyre, o capítulo analisa as formas sutis, portanto mais cruéis, de dominação. A releitura dos autores de uma das concepções freyrianas, o sadomasoquismo, assinala sua disseminação em um tipo de formação que não se restringe ao ensino, isso porque essa se entranha na cultura como um todo, inclusive nos programas de televisão. Esse tipo de formação cria e faz circular um discurso hegemônico que silencia a maioria e, conjuntamente, se contrapõe a uma historiografia ética e epistemologicamente orientada. Sublinhe-se que não há uma simples negação da historiografia tradicional, mas, sim, acréscimo, verticalização e atualização dos mecanismos culturais que reproduzem a violência no Brasil. Essa perspectiva compõe o escopo de todos os ensaios da coletânea, tangenciando-os em maior ou menor grau.

Os dois últimos ensaios da segunda parte da coletânea – “O lugar da referência e a necessidade da memória coletiva nas ideias de História de Rondônia: os limites da contextualização” e “Experiência estética: a pragmática como desilusão da referência e a plasticidade da memória coletiva” – estão intimamente relacionados. Eles analisam como uma filosofia da história sustentada pela narrativa mitológica do progresso, associada a um tipo específico de experiência estética, penetra na memória coletiva e funda um discurso de exaltação das instituições oficiais e da migração, ao mesmo tempo em que minoriza, senão suprime, o papel das comunidades tradicionais estabelecidas, utilizando-se, para tanto, de uma lógica binária, a que opõe “nós” e “eles”. Evidentemente, ao abordar filosofias da história de cunho escatológico, também se discute o papel da representação e do contexto, tendo como objeto específico o Estado de Rondônia.

Para além das visões maniqueístas encontradas em alguns trabalhos historiográficos, os ensaios mostram a complexidade da memória coletiva e a importância da historiografia no que se

refere à crítica e à recolocação das “vozes” abafadas e aplainadas por um discurso homogeneizador que comprova que as filosofias da história, de cunho escatológico e calcadas na ideia equivocada de progresso, continuam atuantes nos mais diferentes contextos. Eu definiria os dois últimos ensaios como exemplares, visto que, certamente, servirão de inspiração para a análise de outras regiões do país.

Por fim, uma derradeira consideração sobre os quatro ensaios presentes nesta coletânea. Partirei de uma das várias definições da história como saber: história é criação. Por criação, entende-se a capacidade metódica do historiador em reunir elementos, conceitual e empiricamente heterogêneos, concedendo-lhes coerência e organicidade. Quanto mais apropriadamente o historiador empresta unidade e sentido a elementos dispersos, mais elucidada os aspectos do presente em sua relação com o passado, oportunamente expandindo o campo de investigação. Nesse sentido, os ensaios apresentados nesta coletânea são um modelo de historiografia. Com essa ideia em mente e com a certeza de que a expansão abre caminhos e ilumina olhares, convido o leitor a se aventurar nos capítulos que seguem. Boa leitura!

Apresentação

A presente obra reúne quatro ensaios tendo no centro a história e a memória (re)sentida em torno dos arquétipos autoritários brasileiros. Esses ensaios refletem sobre questões que fazem parte do nosso cotidiano em decorrência da ascensão da direita no Brasil como reflexo do fenômeno do neonacionalismo no século XXI. Entretanto, os argumentos incorporados nos capítulos não estão ligados a ideologia política ou partidária, mas para a crítica historiográfica em torno de temas incorporados à experiência do passado brasileiro sob a militarização do cotidiano e a herança colonialista como expressões autoritárias compreendidas pelo ponto de vista ético e estético.

Os ensaios desta obra fazem parte de um programa de discussões idealizado pelo grupo de pesquisa Teoria da História e História da Historiografia no Brasil da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. No ano de 2020 os professores Aruanã Antonio dos Passos (UTFPR), Luiz Carlos Bento (UFMS) e Rodrigo Tavares Godoi (UNIR) organizaram a obra *Historiografia Crítica: ensaios, analítica e hermenêutica da história* pela editora Milfontes. Nessa ocasião, contribuições importantes foram dadas para o debate das temáticas envolvidas e, dentre elas, estão os textos dos professores Estevão de Rezende Martins (homenageado) e Eduardo Gusmão de Quadros. Naquele momento, o objetivo foi comemorar os doze anos do grupo de pesquisa assim como organizar debates que contemplassem neonacionalismo, populismo, ensino de história, memória, história intelectual e cinema.

Para esta obra em especial, decidimos aprofundar um pouco mais, reduzindo o grupo de autores. O ponto focal estabeleceu-se sob uma proposta que se orienta pela crítica historiográfica em relação a compreensão dos autoritarismos através da ética e da estética considerando assuntos delicados quanto às questões de militância, de justiça, de liberdade e da nostalgia. Esses temas, além de se tornarem objetos de investigação, contribuem para que ideias de história sejam apreendidas nos limites da contextualização como expressão de certa historicidade contemporânea. A obra foi escrita a seis mãos, em profundo diálogo, compreendendo o esforço cognitivo dos professores Eduardo Gusmão de Quadros (PUC-GO/UEG), Luiz Carlos Bento (UFMS) e Rodrigo Tavares Godoi (UNIR) enfatizando que a teorização assume o dever de interpretar o caso do Brasil em contexto pandêmico do populismo de direita, de crise de sentido social, da hegemonia do discurso replicador nostálgico da Ditadura Civil Militar e do *hábitus* do conservadorismo colonialista.

A obra está dividida em duas partes que refletem a publicidade dos debates em tempos de violência e descaso com a vida. Na primeira parte, o capítulo primeiro propõe-se a discutir a contribuição do historiador francês Michel de Certeau em sua atuação de militância historiadora e cristã perante o contexto brasileiro de torturas e de violação aos direitos humanos. A hipótese central do capítulo é que o envolvimento do pensador francês nos conflitos vivenciados pelos grupos sociais latino-americanos contribuiu no processo de elaboração das suas noções teóricas. Isso, inclusive, iluminará a epistemologia do desaparecimento enunciada nas páginas introdutórias do conhecido livro *A escrita da história*.

O segundo capítulo visa apreender as contribuições de intelectuais como Manoel Bomfim e Gilberto Freyre para a leitura do cenário atual, refletindo o fardo da escravidão e do patriarcalismo colonial como experiências excludentes que fazem da formação histórica brasileira um teatro de violências. A premissa básica é pensar a historicidade da violência e da exclusão por meio da crítica histórica. Essa premissa faz da historiografia profissional um saber

útil para compreender a ascensão de movimentos conservadores e autoritários que evocam o desejo de liberdade expresso sob o signo das *fake news* e do negacionismo como forma de atualizar o *etos* do patriarcalismo colonialista.

Já na segunda parte da obra, o terceiro capítulo volta atenção para a experiência histórica da região norte do Brasil em relação ao regime militar por concentrar-se na pragmática da experiência de historicização e do retorno subjetivo – para fazermos referência a filóloga alemã Aleida Assmann. Sendo ambas realizadas no interior da ambivalência, a defesa que fazemos é a de compreender a memória no seio da experiência estética nos quadros da pragmática. Essa discussão tem como centralidade a crítica do *lugar-comum* que pode ser compreendido a partir das discussões apresentadas pelo historiador neerlandês Frank Ankersmit. Essa crítica, no interior das ideias de história de Rondônia, se faz na ambiência de três versões da aporia da memória.

Tentar estabelecer essa discussão acerca da região norte, em especial Rondônia, sobre o efeito militar no cotidiano possui significação peculiar. A imagem que as ideias de história de Rondônia expressam do cenário constituído no contexto da Ditadura Civil Militar apreende a crítica de historiadores ao modelo de modernização celebrado pelos militares a fim de encontrar significados explicativos por aproximar sentido e dados. Isso significa que ao invés de debater a história de Rondônia, a atenção está para como essa história sugere uma imagem do tempo como historiografia profissional. Nessa medida, compreender o esforço cognitivo desses historiadores a partir de seus pressupostos e enunciados contribui para problematizar a memória sob aporia. Três versões foram apreendidas da memória que significa a imagem de Rondônia sob o desejo ou o desagradável da busca pelo alcançar a realidade-verdade.

O quarto capítulo racionaliza a experiência estética considerando o significado do contexto à luz do cotidiano rondoniense traduzido na nostalgia. Para esse fim, o caminho adotado foi o de intensificar mais o debate daquilo que sustenta

os fundamentos e argumentos das ideias de história de Rondônia: representação e espaço. Entretanto, ao invés de continuar na discussão ambivalente entre referência e representação, o objetivo testa a dispensa da primeira e apreende a significação pragmática da experiência estética na segunda. Então, nos dois capítulos da segunda parte desta obra, a experiência estética necessita tensionar o *lugar-comum* do sentido, dos dados e da experiência como percepção.

Quanto ao espaço, por focar na dimensão do contexto específico, a referência desaparece. Entretanto, para Ankersmit esse posicionamento que remete ao filósofo argelino Jacques Derrida deve ser compreendido sob influência do *historismus* significando ausência de perda, em absoluto, da ideia de sentido. Nesse caso, na leitura derridariana transcrita como *envio e retirada da metáfora*, o contexto específico remete à relação onde o sentido e os dados não se comportam como *lugar-comum*. Leitura que Ankersmit colocou em suspeição porque a experiência estética (pragmática) concebe na nostalgia o sublime sob dispensa, em absoluto, do *algo* que se antecipa na experiência histórica. Essa discussão a conceberemos no interior do cenário dos arquétipos formadores inerentes a Rondônia.

Portanto, esperamos que o leitor adentre a esse universo de discussão para colocar-se crítico diante um contexto onde o cotidiano encontra-se polarizado. São ideias que refletem militâncias, desejo de anti-corrupção, de liberdade e justiça. Relação que, como experiência do tempo, exprime fundamento genético em torno da ética e da estética enquanto vontade de verdade que, conseqüentemente, pode reproduzir arquétipos geradores da cultura histórica brasileira sob os estigmas autoritários.